

“Amáveis Patrícias”: o *mentor das brasileiras* e a construção da identidade da mulher liberal em Minas Gerais (1829-1832)

Wlamir Silva*

Resumo

O *Mentor das Brasileiras* foi um periódico para o público feminino da província de Minas Gerais, em fins do 1º Reinado e início do período regencial (1829-1830). Interagiu com um público feminino de certa importância social e instrução, no contexto da pedagogia liberal-moderada, e propiciou-lhe argumentos emancipatórios, uma aproximação da esfera pública e construiu a identidade da mulher liberal.

Palavras-chave: cultura política, identidade feminina, província de Minas Gerais.

Abstract

The *Mentor of the Brazilians* was a periodic toward the feminine public of the province of Minas Gerais, in ends of the 1º Reign and beginning of the regencial period (1829-1830). It interacted with a feminine public of certain social importance and instruction, in the context of a liberal-moderate pedagogy, and propitiated emancipator arguments to it, an approach of the public sphere and constructed the identity of the liberal woman.

Keywords: politics culture, feminine identity, province of Minas Gerais.

Na rede Liberal

O *Mentor das Brasileiras* foi publicado na vila de São João del Rei, província de Minas Gerais, de 1829 a 1832, no contexto de expansão do espaço público pelo movimento liberal da Independência e no período das Regências. Foi parte da rede de periódicos que empreendeu uma pedagogia liberal-moderada em busca da hegemonia. Combateu a imprensa absolutista, “servil”, e a sua nêmesis, *O Amigo da Verdade*, da mesma vila.

Às amáveis patrícias?

O *Mentor* objetivava a instrução do *belo sexo* no liberalismo. Existia esse público, ou era uma idealização, com o fito exclusivo de “construção da auto-imagem” liberal? Público tão socialmente frágil justificaria a sua materialização? Ele existiu por dois anos e meio – regularidade superada por meia dúzia de folhas mineiras entre 1825 e 1842. Não trazia anúncios, mantendo-se pelas subscrições. É provável que mulheres de certa importância social e letramento teriam por ele se interessado. Quais os termos desta interação?

A civilização, o povo e o *belo sexo*

O *Mentor* difundia a civilização nos moldes liberais, por meio da instrução, com os limites e contradições, das quais não escapam as matrizes européias, como a exclusão de escravos e pobres e um conceito de povo assentado na propriedade e riqueza. Fruto de condições e escolhas, do frígir de múltiplos projetos políticos e especificidades também

* Doutor em História Social (UFRJ) e prof. da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

regionais, da sociedade do abastecimento mineira, com diversas formas de relação com a propriedade, inclusive escrava, e a profusão de ofícios, ampliando a sociedade civil e o público. A este povo, cabia o espaço público, era a sementeira da civilização nos moldes liberais e objeto da sua pedagogia.

Nesse diapasão seguia o *Mentor*, associando o combate ao despotismo à estabilidade do corpo social, e a educação do *belo sexo*. Não é de estranhar que tivesse como público as mulheres de algumas posses e letramento, “seleto”, “ideal” e até “elitista”, excluídas escravas, pobres livres e as não brancas. Sua leitora era, idealmente, branca. Campos (1998) identifica aí a “segregação e [a] idealização feminina”, exposta num artigo que enumerava traços fenotípicos das brancas “para que uma senhora seja perfeita em beleza”. O trecho relativo à aparência, único encontrável, animou Julio e Fonseca (2005) ao diagnóstico da propagação de um “padrão de beleza físico” em contraste com o “das mulheres negras”. Porém, esses traços provavelmente não eram os das mineiras, mesmo das abastadas, em virtude da mestiçagem, e a inclusão dos pardos no “povo” liberal-moderado, com impacto em seu reconhecimento social, relativizam a sua importância. No sentido da permanência do estigma de origem, por traços físicos, Julio e Fonseca apoiam-se na discriminação de senhoras abastadas na sociedade colonial. É problemática a transposição colonial para os anos vinte e trinta dos oitocentos, desconsiderando o impacto liberal, ou seja, o processo do qual o *Mentor* foi parte e protagonista; assim como a simples projeção de fins do XIX, desprezando-se o regresso centralizador e o processo civilizatório conservador, numa teleologia evolucionista.

O modelo branco nos remete à escravidão. Como os demais liberais, ele pouco tratou da escravidão. Nas abordagens eventuais, foi crítico – repugnava-o “a venda de homens livres, segundo o direito natural” –, nos padrões do liberalismo moderado, ou mesmo um pouco além, visto que elogiou o fim do tráfico. Isso quando a abolição imediata não esteve nos horizontes, sequer, dos liberais radicais. Defendia a lenta emancipação dos crioulos, envolvendo uma “catequese” devendo eles “trabalhar por algum tempo para pagarem o trabalho de sua educação” –, a introdução de máquinas e a colaboração de mulheres e homens na lida doméstica. A escravidão incomodava, sobretudo, pela depravação de costumes. Combatia a influência das “amas que são pretas comumente escravas, e também africanas” sobre as crianças, pelo fanatismo, a superstição, os terrores e corcundismos e, mesmo, a lascívia, “sementes de estupidez, ou de corrupção”.

Um disciplinador feminino?

Qual o significado da pedagogia do *Mentor*? O fato de serem “homens falando para mulheres” o desqualifica? Para Campos (1998), “arrogavam-se o papel de civilizadores e delimitavam a sua [da mulher] função na sociedade”, Julio e Fonseca (2005) salientam a

criação de “padrões e regras”. É a sua real dimensão, o enquadramento? O emergir feminino estaria ausente de toda a primeira metade do XIX, já que o periodismo de redação feminina surgiria no país apenas em 1852? Vale essa relação, a partir da ação masculina, como construção mútua de trajetória identitária? Manteve-se a exclusão de atividades, ainda que não peremptoriamente, “suposto não sejam destinadas para as armas, nem para a magistratura, e ministério da Igreja”, e o estímulo à domesticidade. Pode ser classificado como masculino e “civilizatório”, impositor de “regras de bom comportamento [...] e padrões de conduta”, ou ainda “formação moral, intelectual e estética, através de um discurso preparado pelos homens”. Foi ele um mero disciplinador feminino?

Luzes e sombras

Minas não fugiria das contradições do tempo. O ideário liberal e iluminista e as revoluções ensejavam a emancipação feminina, mas persistiam as restrições às suas qualidades racionais e éticas e a subordinação aos homens, num embaraço diante da igualdade. Para Rousseau e outros ilustrados, a mulher era destinada à família e ao lar, não biológica e moralmente capaz para a vida pública, responsáveis pela educação dos filhos, futuros cidadãos. A Revolução Americana pregou o civismo doméstico, a educação familiar para a “virtude e a moral”, a Francesa, após um início de ativa participação reivindicatória, as figuraria como “cidadãs passivas”, com “papel social importante [...] como mães, em suas famílias”. O *Mentor* não foi exceção, num horizonte em que a dominação masculina é regularidade histórica e o papel secundário feminino é apontado como “um dos verdadeiros universais, um fato pan-cultural”. Assim, numa sociedade de matriz colonial e escravista, o viés da dominação masculina não pode ser o primacial, ou esvaziaremos como objeto histórico o que foi significativo pela sua singularidade, por situar-se na fronteira social.

Os que pensam e os que não pensam: a moderada emancipação do *belo sexo*

O *Mentor* oscilou entre o reconhecimento de defeitos ordinários do sexo feminino, como a demasia no falar e no uso de enfeites e modas esquisitas e “uma propensão quase natural para agradarem não menos pela vivacidade do seu espírito, que pela presença de sua beleza”, e a compreensão de serem estes, assim como o medo e a timidez, “não [...] mais que efeito de uma má educação”. Ou que, a despeito de ídolos e papéis sociais diversos, a diferença essencial seria entre “uma de pessoas que pensa, outra de pessoas que não pensam; e [que] esta diferença procede quase unicamente da educação”. Combateu o ócio e a restrição da mulher ao “regime doméstico de uma casa”. Na contramão do “cativeiro” das jovens das famílias abastadas mineiras, criticou os casamentos impostos e o dote, seu modelo conjugal pregava o conhecimento prévio e a convivência, para além dos acordos de interesse e da idealização trágica do amor romântico.

Afirmando e alimentando a lógica liberal, a missivista *Varinha de Marmelo* atacava, no *Amigo da Verdade*, o anúncio da *Significação amorosa das flores, ou Linguagem das Amantes, dedicada à mocidade*. O opúsculo, provavelmente direcionado aos jovens que não podiam conhecer-se diretamente, e o faziam por meio de códigos florais, fundia a etiqueta do Antigo Regime com laivos do amor romântico. Ancorada na frugalidade liberal, a *Varinha* ironizava a “boa moral” dos absolutistas, tão ciosos da moral e da religião. Pregava-se a educação para a “emancipação do *belo sexo*”, num combate à misoginia do despotismo e das práticas tradicionais. Às vésperas do Sete de Abril, que engendrou a abdicação do Imperador, o *Mentor* apontava suas dissimetrias em relação aos periódicos que apoiavam D. Pedro I, associado ao despotismo, que “não tem curado de instruir o Belo Sexo, mas até o tem insultado, e hoje se opõe disfarçadamente à sua civilização, [...] querem unicamente as mulheres para servirem de pasto à sua desonestidade; e pouco importa que elas sejam escravas e ignorantes, e como tais as tratam”. Reconhecendo o papel já realizado pela mulher secundando aos “homens sobrecarregados de negócios públicos”, na “economia doméstica” e nas “doçuras do himeneu”, o *Mentor* afirmava a sua faculdade para as coisas do espírito.

Buscava-se oferecer conceitos básicos às leitoras, que não deviam fazer má figura nos salões e deveriam, pelo tempo disponível, meditar mais profundamente que os homens. Sob a batuta do *Mentor*, aprenderiam as vantagens do sistema constitucional e monárquico e da moderação, a mediania entre a “tumultuosa democracia” e a “soberba aristocracia”, abismos do despotismo. Tinham um papel a cumprir, o da educação da família. Ainda que imerso nas desconfianças relativas à capacidade intelectual feminina, afirmava “uma viveza de espírito quase superior a dos homens melhor podem ser as sentinelas vigilantes”.

Balbuçiantes vozes

As leitoras manifestavam-se e foram estimuladas. A primeira missivista, *A Brasileira Constitucional*, observava a não inferioridade dos deveres femininos, ainda que, por razões de ordem física e pela exclusão das funções civis, destinados à administração caseira, sustentando a orientação da folha e revelando uma interação. *A Brasileira Inimiga do Despotismo*, de Ouro Preto, uma “balbuçiante voz”, reconhecia a oportunidade de “um Mentor” e produzia um libelo contra o despotismo. *A Crenda de Minerva* dava graças pela Educação do *belo sexo* e dizia-se pronta para a defesa do *Mentor*. *A Patriota Baependiana* invectivava os corcundas. *A Baependiana amante da Constituição* pregava o entusiasmo contra o “criminoso indiferentismo”. Já Maria Magdalena Felizarda de Mello, da vila de São Bento de Tamanduá, raro caso de ruptura do anonimato, pondo em xeque a tese da idealização, expunha-se como uma arquetípica leitora, em defesa das instituições liberais.

A simplicidade das patricias e o rigorismo da moda

Valorizava-se a “delicadeza do comportamento”, a modéstia, a humildade e o cultivo do espírito, contra a excessiva valorização da beleza física. Combatia-se o luxo demasiado, as frivolidades e o “rigorismo” da moda, sugerindo moderação e simplicidade, mais adequada que as modas estrangeiras, mormente francesas. Contrapunha-se às práticas cortesãs e às maneiras aristocráticas, afirmando como o melhor gosto o da invenção das patricias. A carga contra a “tafularia” não se restringia ao sexo feminino, dirigia-se aos homens, os “petitmaitres”, ou à “fofice de [...]embonecados”. Estas teses tinham eco, pelo reconhecimento ou pela polêmica que, enfim, mostra uma interação viva. A ouropretana Beatriz Brandão defendia a perda de horas de “toilette” em favor da leitura e do trabalho, contra a beleza efêmera. A *Crenda de Minerva*, recorrendo a exemplos da Antiguidade Clássica, afirmava a prudência no gosto. Já a missivista *A Sentinela do Mentor* queixava-se quanto à promessa não cumprida de notícias sobre a moda na Corte. Relatando um diálogo com outra assinante, que interrogava se o *Mentor* tornara-se “fastidioso”, reproduzia: “as doutrinas são belas e instrutivas; porém prometeu-nos dar alguns artigos sobre modas[,] não é possível que nos satisfaça nesta parte.”. O *Mentor* responderia, lamentando, mas reiterando a “superfluidade do luxo, causa principal da ruína total de muitas famílias” e que o “alvo principal é a ilustração do espírito das Jovens filhas do Brasil”. A polêmica continuaria, a *Amiga do bom gosto* argumentaria com peças de prata e ouro dos antigos patriarcas hebreus e civilizações da Ásia e México, defendendo a força do costume e o fomento econômico –de indústria e empregos– envolvido. Defendia racionalmente seu ponto de vista, nos termos da doutrina liberal –destaque para o argumento do mercado–, criticando e reconhecendo-se na lógica moderada, na mediania: “a mediocridade é que constitui a virtude, e que todos os extremos são sempre viciosos”. O *Mentor* se renderia à “instância de algumas senhoras”, fazendo descrições de vestidos e adornos, de jornais franceses, porém será cada vez mais ácido com o rigorismo da moda.

Na Ante-sala do espaço público?

O *Mentor* pregava o ingresso das meninas em escolas públicas, com o proveito da socialização e habilidades para a uma incipiente ação na esfera pública. Atacava a educação tradicional, com o ensino de costura, dança, piano e de primeiras letras, e mais recentemente de um pouco de desenho e do francês, ainda para poucas. Considerando o “espírito feminino [...] ao menos tão apto como o do homem” –ainda que fosse impertinente obrigá-las aos mesmos estudos dos homens –, concluía pelo aprendizado de francês, geografia e história pelas meninas. Divulgava os esforços das professoras, os exames públicos eram noticiados e mestras, como Policena Tertuliana de Oliveira, de São João del Rei, destacavam os avanços de suas pupilas. Por ocasião dos exames de Baependi, D. Jacinta Carlota de Meireles referia-

se, às diferenças: “a educação que tive, conseqüência infalível do despotismo com que fui amamentada, tornando-me pouco apta para o Magistério que ocupo, o natural acanhamento, fruto de um princípio tal, e nenhum costume de aparecer em público”.

A pedagogia do *Mentor* podia ser surpreendente. Comentando, com base em “jornais de Paris”, a participação de mulheres nas jornadas de 1830 e o heroísmo de uma menina de dezenove anos que combatera “à frente dos combatentes, armada de uma espada” e, no cessar-fogo, dedicara “carinhosas atenções aos feridos”, afirmava ser “uma daquelas lições que julgamos recomendáveis às nossas brasileiras, para que se algum dia (o que Deus não permita) a nossa pátria se achar em uma crise semelhante, elas saibam denodadamente se opor aos tiranos traidores, que intentarem sujeitar povos livres ao jugo da escravidão”. Tocando nos extremos da ação feminina, mesmo num exemplo romântico e sem tenções republicanas, nas jornadas da França e em outros exemplos, o *Mentor* pode ter forçado a cadeias de que é imputado carcereiro, trazendo a si a desconfiança de homens, provavelmente liberais. Existiram e foram intensas tais críticas, ou desejariam valorizar a sua pedagogia? Seus antagonistas seriam simbolizados num tipo, o “Velho Ginja”: “Periódico para mulheres! Aonde já se viu isso no mundo? Mulheres também saberem de Política, isso é querer mudar a ordem das coisas...”. Mesmo o Liberalismo exaltado que incentivava as mulheres à revolução, indicava sua ação na “esfera familiar e doméstica”, a diferença estaria na ação violenta e na origem social das leitoras, intrínseca àquele projeto. A pedagogia do *Mentor*, dentro da tradição moderada, orientaria também as guinadas conjunturais da esfera pública. Nos primeiros tempos Pedro I era “o melhor dos monarcas”, o “Pai da Pátria” e a imperatriz era objeto de admiração, as críticas cresceriam aos seus ministros e conselheiros. Com o Sete de Abril, o ex-Imperador se tornaria “um hipócrita refinado”, comparado a Nero. Com a radicalização e a agitação dos liberais exaltados, as patricias eram alertadas para os perigos da anarquia, das “folhas incendiárias” e do “povo bárbaro da Corte”.

Uma Pedagogia Requitada

Destaca-se a sua peculiaridade estilística, como nos de “extratos de história moderna”, sobretudo do Brasil. A interrupção desta seção mereceria reparo da *Uma que se não esquece*, na ocasião o redator revelaria que houve recomendações contrárias a ela. A quem incomodava que o “belo sexo” se interessasse por tais assuntos? Haveria essa advertência se não fizessem diferença para o seu público, ou se ele não existisse? A principal peculiaridade era o continuado uso de fábulas, parábolas, diálogos e episódios da antiguidade (como “contos morais”, “reflexões”, “anedotas” e “variedades”). Peças eram esgrimidas como metáforas do combate ao despotismo e referências às virtudes de caráter, como a modéstia, o pudor e a discrição. As fábulas, acompanhadas de uma exegese, sob o título de “moralidades”. O

Mentor desfilou cães, lobos, carneiros, gaviões, pombas, gatos, crocodilos, cavalos, javalis, rãs, cabras, águias porcos, gatos, pastores, reis, príncipes e outros personagens. As morais eram quase sempre de desconfiança dos ardis do poder, como na exemplar “O Lobo e os Cães”. O lobo é como “muitos daqueles Monarcas hipócritas, que nutrindo em seu peito ardentes desejos de serem absolutos, afetam aparentemente serem amigos das boas instituições” e que “de mão oculta procuram todos os meios de desgostos aos povos, semeiam discórdias entre os Cidadãos, transtornam a Sociedade”. A moral era “União, e olho vivíssimo”. Isso a quase três meses da abdicação do imperador. Qual a razão das fábulas, como da profusão de outras linguagens? A natural incipiência do *belo sexo* diante das questões apontadas, como admite o *Mentor*? Um “cerceamento de leitura”, pela “moral” imposta pelo redator? Talvez, mas não percamos de vista que o tom didático, na forma de diálogos, “dicionários”, anedotas e parábolas foi comum desde os panfletos da Independência, voltado para qualquer público. E isso não impediu ao *Mentor* o tratamento de questões espinhosas como a da “federação”, sendo citado pelo próprio Universal de Ouro Preto.

Conclusões

Nos limites do ideário liberal-moderado, o *Mentor das Brasileiras* interagiu com um grupo de mulheres abastadas e de alguma instrução e letramento. Essa relação, mesmo com elementos de idealização, representou, no âmbito do gênero feminino, a interação entre a elite liberal e a peculiar sociedade mineira. O *Mentor* vislumbrou um público diferenciado e estabeleceu com ele uma “relação pedagógica” que não foi meramente impositória. Foi também um intérprete de seu público e a construção simbólica em torno do papel da mulher envolveu também a interação com suas leitoras, entrevistas nas missivas, num “processo relacional complexo e contraditório com os homens [...] na criação de sua própria história” (SCOTT, 1990), forçando os limites e proporcionando argumentos emancipatórios e a possibilidade de vislumbrar o espaço público no contexto da organização social no seu conjunto e da disputa acerca das formas de dominação que eram então construídas.

FONTES E BIBLIOGRAFIA CITADAS

Astro de Minas, São João del-Rei (1827-1834) -

O Mentor das Brasileiras, São João del-Rei (1829-1832)

O Universal, Ouro Preto (1827-1834)

CAMPOS, M.A. do A. A Marcha da Civilização. A Marcha da Civilização: as vilas oitocentistas de São João del Rei e São José do Rio das Mortes - 1810/1844, UFMG, dissertação de mestrado, 1998.

JANCSÓ, István (org.). Brasil: Formação do Estado e da Nação, 2003.

JINZENJI, M.Y. A instrução e educação das senhoras brasileiras do século XIX através do periódico *O Mentor das Brasileiras*. Publicado no site [http://sitemason.vanderbilt.edu/files/foUXAY/Jinzenji .doc](http://sitemason.vanderbilt.edu/files/foUXAY/Jinzenji.doc), acesso em 10/10/2005.

JULIO, K.L. & FONSECA, T.N. de L. e. A educação através do corpo: dois mundos que se encontram. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina, julho de 2005.

_____. & MORAIS, C.C. O Aparentar do “Bello Sexo”: esposa e mãe do cidadão sanjoanese no século XIX. São João del-Rei, *Caderno de Resumos do II Congresso de Produção Científica da UFSJ*, 2004.

LEWKOWICZ, I. As mulheres mineiras e o casamento: estratégias individuais e familiares nos séculos XVIII e XIX. *ANAIS de HISTÓRIA e ESTUDOS HISTÓRICOS*. São Paulo, UNESP, 12, 1993.

MATTOS, I.R. *O Tempo Saquarema*. Rio de Janeiro, ACESS, 1994.

MOREIRA, L.S. Imprensa e Política: Espaço público e cultura política na província de Minas Gerais - 1828-1842. Dissertação de mestrado, História, UFMG, 2006.

MOREL, Marco. La Gênese de La Opinión Pública Moderna y El Proceso de Independencia – Rio de Janeiro 1820-1840. In: GUERRA, F. & LEMPÉRIÉRE, A. *et al. Los Espacios Públicos en Iberoamérica*. México, Fondo de Cultura Económica: Centro Francês de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1998.

PINSKY, C.B. & PEDRO, J.M. Igualdade e Especificidade. In PINSKY, J.& PINSKY, C.B. (orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo, Contexto, 2003.

PRIORE, M.D. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M.C.D. (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo, Contexto, 1998.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pela Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte, Itatiaia, 2000.

SAMARA, E.M. Mão-de-obra feminina, oportunidades e mercado de trabalho, no Brasil do século XIX. In: SAMARA (org.). *As idéias e oos números do gênero: Argentina, Brasil e Chile no século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

_____. Prefácio à Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, n.3, p.11-27, 1994.

SILVA, W. “Homens de cor! Irmãos”: os pardos na pedagogia liberal-moderada mineira do período regencial. *Estudos Ibero-Americanos* (v. XXXI, n. 1, junho). Porto Alegre, PUCRS, 2005.

_____. A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1825-1842). In: NEVES, Lúcia Maria B.P., MOREL, M. & FERREIRA, T.M.B.C. História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões. Publicado no site <http://www.comciencia.br>, acesso em 10/12/2003.